Nos tempos de hoje, os encantados migram: um estudo das territorialidades e mobilidades dos Vazanteiros e Quilombolas do Norte de Minas Gerais, diante das mudanças climáticas

In today's times, the enchanted migrate: a study of the territorialities and mobilities of the Vazanteiros and Quilombolas of North of Minas Gerais, in the face of climate change

*Maria Cecília Cordeiro Pires**

1 INTRODUÇÃO

Luzia, vazanteira e quilombola, do Quilombo de Praia, em Matias Cardoso, lembra que antigamente "tudo tinha encanto", os "antigos tinham cheiro de mata, do campo", uma relação tão íntima que nem as onças os atacavam. Ainda existe e resiste uma relação recíproca entre os vazanteiros, o rio, seus encantados e toda natureza, afastados de uma separação abrupta entre cultura e natureza, humanos e não humanos.

Dentro do modo de vida vazanteiro, existe o estabelecimento de normas que vêm das crenças e costumes. Por isso, Seu Benedito, vazanteiro e quilombola, do Quilombo de Praia, diz que, na natureza, tudo tem seu domínio, que os encantados são os comandantes das águas e das matas. "A natureza é igual o que nós temos aqui. Por exemplo, na terra, lá dentro da água, também tem os comandantes, os comandantes na água que é dono de tudo, nas matas também tem". Os encantados são os seres que ditam as

* Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Bacharel em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Pesquisadora no OPARÁ-MUTUM, NIISA e Rede Nova Cartografia Social.

regras que precisam ser seguidas, nas águas, por exemplo, há o Compadre D'Água, também chamado de Caboclo, uma espécie de homem pequeno, descrito de duas maneiras, um preto e mais tranquilo, por vezes brincalhão, já o vermelho, com grandes dentes, traiçoeiro e mais perigoso. Em alguns dias, não se deve pescar, a desobediência pode levar a punições, como ter o barco virado. É preciso pedir licença, principalmente para quem é de fora, e agradar o Compadre com fumo e pinga.

Seu Benedito conta que, há um tempo, um senhor chamado André resolveu dar um tiro no Compadre D'Água e sofreu sérias consequências. Ele morava cerca de 100 a 150 metros do rio quando decidiu atirar no Compadre, que cavou até a água chegar no batente da porta do fundo da casa de André.

> Ele desconfiou, já com medo da malinesa que ele tinha feito com o Compadre. Ele resolveu fazer uma casa no caminho do Rio Verde. Ele (Compadre D'água) foi cavando do rio até quando chegou nesse lugar e fez um sangrador, então colocaram o nome "Sangrador de André", quando o rio enche, esse sangrador não dá para sair [...]. Um dia, ia um barco cheio de gente e o Seu André estava dentro do barco e o Compadre descobriu. Velho Leonel colocou ele para deitar dentro do barco, quando chegou no meio do rio, o barco parou, parou que não ia nem para frente nem para trás, o velho muito experiente falou assim: 'Compadre, o que o senhor está querendo? Pode ter calma, pode soltar o barco, aqui tem muitos pais de família, não faz isso com nós não'. O Seu André tinha que deitar no barco e não conversar durante a reta de água, ele não conversou nada, aí que o senhor Leonel, que é muito experiente, foi pegar um pedacinho de fumo assim e soltou dentro do rio. Aquele remanso desceu rodando e levou a bolinha de fumo, o pedacinho de fumo, aí o barco começou a andar e foi embora então. (Seu Benedito, vazanteiro/quilombola, morador da Comunidade de Praia – Quilombo de Praia, Matias Cardoso, julho de 2023)

Nas matas, fica o Caipora, que vigia para que não sobrecarreguem a fauna e a flora, não ataquem as árvores e não derrubem espécies importantes. Seu Benedito conta que "ele é no sistema de um homem, ele é o comandante, dono das matas. Então, tem sempre nas matas. O povo sempre fala que dia de quarta e sexta-feira não é dia de a gente estar no mato. Não é muito bom não". Compreende-se que esses encantados comandam os manejos dos vazanteiros, para que a natureza não seja atingida negativamente, de forma predatória.

Mas os seres encantados começaram a desaparecer, nos tempos de hoje eles migram, no mesmo momento em que muitos vazanteiros precisaram também migrar.

> O Caboclo D'Água meteu foi o pé, acho que nem ele não ficou aqui, ele não está satisfeito. Não está satisfeito com isso não, porque ele é um encanto, né? Então, do jeito que tá destruindo o Rio São Francisco, ele deu foi no pé também. Mas não sei, vai que não foi embora. Ele deve tá aí, ele é o protetor do rio. (Regina, vazanteira/ quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

A fuga dos encantos revela mudanças externas, efeitos do avanço do capitalismo e do agronegócio. Este texto traz discussões de tese de doutorado, onde foi realizada uma etnografia multissituada, tendo como principal objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos das mobilidades junto aos vazanteiros, que, em alguns casos, acionam também a identidade quilombola. Esse estudo sobre movimentos, mas também em movimento, percorreu comunidades do Médio São Francisco Norte Mineiro, sendo elas o Quilombo de Praia, Quilombo da Lapinha e Comunidade Vazanteira de Pau Preto, localizadas na margem direita do Rio São Francisco, no município de Matias Cardoso-MG e Comunidade Vazanteira de Ilha de Pau de Légua, à margem esquerda do rio, no município de Manga-MG. Os diálogos estabelecidos fizeram compreender a complexidade das territorialidades e das mobilidades realizadas, instigando a refletir sobre o ser vazanteiro e quilombola e suas resistências.

2 SER VAZANTEIRO E QUILOMBOLA

O Norte de Minas, segundo a regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma mesorregião que compreende 89 municípios, distribuídos em sete Microrregiões: Bocaiúva, Montes Claros, Janaúba, Januária, Salinas, Grão Mogol e Pirapora. Essa é uma definição sub-regional e datada, mas remontando à sua trajetória histórica, é possível compreender os modos de vida e relações das comunidades que aqui se localizam, uma diversidade de identidades que se expressam tanto ambientalmente como culturalmente.

A constituição do Norte de Minas foi baseada nas grandes fazendas de gado, dos currais de boi, que revela a relação com o Nordeste brasileiro, já que as fazendas "seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o

Norte de Minas, trazendo a pecuária extensiva e a marcha dos latifúndios que se tornaram características da ocupação e estruturação regional (PAULA, 2009, p.65).

Na condição dos períodos de avanço de bandeiras ao Vale do São Francisco, houve uma fixação na parte média e que deu partida ao povoamento dessa área. Nesse período, o lado direito do Rio São Francisco ficou subordinado à Capitania da Bahia, enquanto o lado esquerdo à Capitania de Pernambuco. "A chegada da bandeira anônima paulista capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida constitui-se, pois, como o evento fundante da sociedade pastoril situada no atual Norte de Minas" (COSTA, 2005, p.15).

Os bandeirantes fundadores, que vieram para essa localidade, eram parte da bandeira de Mathias Cardoso, inicialmente situados nas margens do Rio Verde Grande, próximo à sua foz com o Rio São Francisco. Seus membros intencionavam aprear os indígenas para vendê-los como escravos e exterminar quilombos. Depois do estabelecimento no Rio Verde Grande, chegaram e se fixaram nas margens do Rio São Francisco, onde ainda hoje existe o Arraial do Meio, no município de Matias Cardoso, depois fundaram o Arraial de Morrinhos, onde hoje se localiza a cidade de Matias Cardoso, nome do bandeirante fundador.

O processo de formação histórica da região do Norte de Minas vai refletir-se no contexto atual, nos modos de vida e desafios encontrados nas comunidades rurais locais. Costa (2005) afirma que, no imbricamento dos processos civilizatórios ao longo da trajetória histórica regional, as características de cada agrupamento humano que ali se fixou (indígenas, negros, paulistas e nordestinos) "contribuíram para dar à essa sociedade e à sua cultura a sua singularidade que a faz única no conjunto das sociedades que compõem a humanidade" (COSTA, 2005, p.28). Para o autor, a pluralidade faz do lugar a síntese da nação brasileira, assim temos os Povos e Comunidades Tradicionais que, através de suas culturas, identidades específicas e contrastivas, compõem o mosaico identitário regional.

Apoiado na relação de distintos povos, o Norte de Minas se formou. A partir dos estudos etnográficos realizados na região[1] e a mobilização dos povos tradicionais, atualmente temos, com base no critério da autoatribuição, o acionamento de diferentes identidades: vazanteiros; veredeiros; apanhadores de flores; vacarianos; caatingueiros; quilombolas; indígenas e geraizeiros[2], identidades que também podem ser múltiplas, como é o caso de algumas comunidades vazanteiras que se reconhecem juntamente enquanto quilombolas e pesqueiras.

Comunidades como Praia, Lapinha, Pau Preto e Pau de Légua, que, dentro do contexto das múltiplas identidades acionadas, ao longo dos anos mantiveram relações e estratégias de defesa, o que fez Costa (1999) afirmar a existência de um grande território negro na região, o campo negro do

Jahyba[3]. Em sua dissertação sobre Brejo dos Crioulos, quilombo situado nos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia, realizou um trabalho precursor na visibilização das comunidades negras rurais do Norte de Minas. Indicou que houve a formação de uma complexa rede social, formada por negros aquilombados e a sociedade envolvente. Construído lentamente, se tornou palco de lutas e solidariedade entre os diversos personagens que vivenciaram os mundos da escravidão (COSTA, 1999, p.12).

Esse campo negro foi constituído por um conjunto de grupos negros localizados às margens de lagoas, ribeirões e rios que formam a bacia do Rio Verde Grande. "Suas relações, além de percorrerem todo o vale deste rio, eram estabelecidas com povoações ao longo da bacia do Rio São Francisco, notadamente, Brejo do Amparo, Morrinhos e Malhada, e nos altiplanos com Contendas, São José do Gurutuba, Porteirinha e Tremendal" (COSTA, 2005, p.33).

A "Mata da Jaíba" indicava, no período colonial, um lugar de difícil acesso, e a grafia de "Jahyba" com y, de origem tupi-guarani, significava água/rio ruim, sujo. É utilizada pelo antropólogo para destacar o caráter insalubre da região na época, favorável à infestação de insetos causadores de doenças como a malária, inviabilizando o seu povoamento, entretanto, foi apropriada para a ocupação por negros que se aquilombaram em seu interior. Na memória dos interlocutores de Costa (1999), os negros eram resistentes à malária, ao contrário dos brancos.

Foi um tempo caracterizado como de muita liberdade no território, em Brejo dos Crioulos foi recordado como "tempo da fartura" (COSTA, 1999, p.39), para os Gurutubanos, outro importante grupo do Jahyba, foi denominado por Costa Filho (2009, p.96) de "tempo das soltas ou carrancismo". Costa (1999) afirma que a memória dos seus interlocutores indicou o vínculo de diversas localidades a outras comunidades negras desde o século XIX. "As localidades aí existentes não constituíam um mundo social fechado e intransponível, abriam-se para relações umas com as outras, mas também com populações situadas nos Gerais e encostas da Serra Geral" (COSTA, 1999, p. 19).

Assim, dentro desses grupos, temos o reconhecimento dos Gurutubanos, estudados por Costa Filho (2009), um dos maiores e mais antigos quilombos, localizado entre os municípios de Catuti, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Monte Azul, Pai Pedro e Porteirinha, que segundo seu levantamento da memória e genealogia dos troncos familiares, a região que integra o referido campo negro recua até meados do século XVIII.

Nos tempos da "fartura" e das "soltas", havia relações de reciprocidade e de solidariedade entre os grupos negros da Mata da Jahyba, como os Gurutubanos e Brejo dos Crioulos, que compunham uma complexa rede

social que os articulavam em torno de suas lutas sociais. No entanto, os tempos da liberdade foram tomados pelos "tempos dos fazendeiros" (COSTA, 1999, p.52), do "cercamento", da "grilagem" e do "afazendamento" (COSTA FILHO, 2009, p.110). Os pesquisadores apontam que o refúgio que tinham foi findado graças ao acesso da sociedade branca, por volta das décadas de 1930 e 1940, devido à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil e também ao combate às arboviroses pelo Governo Federal, provocando rupturas nos modos de vida e expropriações.

Compreendendo a existência e o histórico desse grande, interligado e complexo Campo Negro do Jahyba, pudemos assimilar o que esse território representou para os vazanteiros do Médio São Francisco. Dentre os estudos desses grupos na região, tivemos, como um dos primeiros trabalhos, as pesquisas de Oliveira (2005), Araújo (2009) e Anaya (2012). Oliveira (2005) apontava a presença de normas e condutas sociais dos vazanteiros em relação à incorporação de pessoas "de fora" ao grupo; existia um "sistema de direitos combinados", de relações abertas ao chegante. A abertura aos chegantes é uma das características primordiais dos vazanteiros e segue os fluxos do Rio São Francisco.

Nesta pesquisa, que teve como foco os povos vazanteiros, é preciso ressaltar que o processo de formação dessas comunidades se relaciona com a vivência com o Rio São Francisco. O povoamento do Norte de Minas ocorreu por meio da movimentação de pessoas, entrelaçado com a perpetuação de desigualdades, concentração fundiária e um modelo econômico excludente. "Podemos afirmar que o Rio São Francisco funcionou como uma via migrante, levando esperança de vida" (PAULA, 2009, p.109).

Essa esperança era ansiada devido às dificuldades que encontravam, aos períodos de secas, mas também às políticas que não oportunizavam uma convivência possível dentro dessa realidade. "As migrações ocorriam através do rio e da chamada "estrada baiana" que fazia a comunicação por terra entre Bahia, Pernambuco e Minas Gerais [...] A fuga da seca, da falta de terras e trabalho em sua própria região foram determinantes para as migrações pelo rio" (PAULA, 2009, p.110).

A maioria, camponeses e camponesas que não tinham propriedade de terras, encaravam uma travessia incerta e em barcos a vapor, percorrendo por longos dias a estrada líquida do Rio São Francisco, buscando o mínimo para manter suas existências. Muitos ansiavam seguir para São Paulo em transporte ferroviário, mas, devido à longa duração da viagem, privação financeira e condições da travessia, ocorriam modificações desses planos, fazendo com que fixassem morada em cidades ribeirinhas do Norte de Minas. "A expressão 'baianos cansados' ficou conhecida na região para designar

de forma irônica os homens e mulheres oriundos principalmente da Bahia que tinham como destino São Paulo, mas que ficaram em terras mineiras" (PAULA, 2009, p.110).

Esse histórico foi evidente e evidenciado na pesquisa de campo, onde aparece a chegada de nordestinos de diferentes estados que, vindos pelo Rio São Francisco e aceitando o sistema do lugar (WOORTMANN, 1990a), tornaram-se integrados como nativos. Histórias como a dos irmãos Manoel e Luiza, do Quilombo de Praia, e de Zé Alagoano, de Pau Preto.

Manoel tinha oito anos de idade e Luiza seis anos, quando a família decidiu pegar um barco a vapor em Pernambuco, no ano de 1958, a caminho do Norte de Minas, no município de Matias Cardoso. Segundo eles, motivados pela *"falta de chuva e fome"* e pela notícia de um primo que veio anteriormente, dizendo que havia disponibilidade de águas e terras para plantar. Já Seu Zé Alagoano é mineiro de nascença e o apelido foi uma herança do seu pai, ele, sim, alagoano e que veio para o Norte de Minas por volta de 1948, junto com a esposa, que tinha origem baiana, pois lá estava muito difícil de manter a vida. Eles vieram *"correndo da fome"*, e foi em Minas Gerais, nas margens do Rio São Francisco, plantando em suas vazantes, que conseguiram *"o de comer"*. Seu Zé nunca conheceu Alagoas, mesmo sendo filho de nordestinos; construiu a sua identidade no lugar, reconhecendo a importância do *Velho Chico*, que lhe possibilitou a vida e a manutenção de sua família.

"Então foi assim, nós aqui fomos muito bem aceito sabe? Que é um povo muito trabalhador!" (Luiza, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Serem aceitos os tornaram então do lugar, na conjuntura em que esses, hoje adultos, vieram em sua maioria ainda crianças, viveram a maior parte da vida no Norte de Minas, cresceram e se casaram em sua maioria com nativos. Mas essa aceitação também passa pelo modo de vida que era semelhante, visto que havia um *ethos* camponês e vazanteiro, pois os chegantes aceitos eram sujeitos que já praticavam a agricultura de vazantes, eram pescadores e pequenos camponeses que desempenhavam uma agricultura não patronal. Ou seja, já partilhavam de um sistema de crenças, valores, trabalho e cultura, muito próximo ao encontrado nas comunidades do Norte de Minas. Havia, dentro das diferenças que restavam, a necessidade da aceitação das regras estabelecidas, com base em critérios internos de pertencimento e exclusão. A mobilidade do território vazanteiro possibilitou a construção de um sistema de "direitos combinados".

Aceitar o "chegante" consiste numa abertura para aqueles que aderem ao modo de vida e regras sociais vazanteiras, um sistema de direitos de uso consuetudinários, baseado na solidariedade e no trabalho. Dito isso, há uma lógica de apropriação desses territórios e seus ambientes, terra firme, rio,

lagoas e ilhas, que é contrária à [lógica] da propriedade privada: a terra é percebida como terra para trabalho e coletiva, não para comercialização e individual, como visualizamos claramente nos diálogos com os interlocutores.

O ser vazanteiro parte do Rio São Francisco como símbolo do modo de vida e das relações de ribeirinhos, chamado por eles *"Velho Chico"*, *"Chico"*, *"Chicão"*. Além de ser um dos mais importantes cursos de água do Brasil e da América do Sul, que passa por cinco estados e 521 municípios, atravessando Minas Gerais e Bahia[4], representa para as populações locais algo mais, é um ente da família, que dá o alimento, mas também o tira, que possui seu próprio domínio, que tem seus encantados, como o Compadre D'Água, que cuida do rio, mas que, há algum tempo, não foi mais visto, disseram que provavelmente foi *"buscar refúgio por conta do desmatamento"*.

Tratamos, nesse estudo, de comunidades ribeirinhas, mas Seu Natalino (vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022) faz uma ressalva. *"Ribeirinho é quem tá na beira do rio, a cidade (Matias Cardoso) aqui é ribeirinha, tá na beira do rio. Agora, o vazanteiro é diferente, ele usufrui da terra da vazante, do lameiro e da terra firme"*. Vazanteiro é uma demarcação identitária, embasada em uma questão política de reconhecimento e assim entendemos que *"o vazanteiro é diferente"*, tem a sua produção alimentar que envolve além do extrativismo, criação de animais e a pesca, a cultura da vazante, do lameiro e da terra firme.

"A parte de lameiro é aquela que fica o barro que o rio deixa. Aí tem a vazante, que é uma parte de terra que o barro não vai, ela decanta antes de chegar lá [...] e aí temos a terra firme lá no alto". Seguem o ciclo do rio, da seca, da cheia e da vazante e por isso, Seu Natalino diz que são felizes: *"eu planto na época da chuva, aí o sol vem e mata, cá embaixo eu planto, o rio vem e mata, a vazante e o lameiro, o rio vem e mata. Então nós somos felizes, por que aqui no lameiro eu plantei e morreu? A vazante morreu? Terra firme ficou"*.

Essa denominação, assim como outras, está extremamente ligada às condições ambientais em que esses povos vivem e convivem. Aqueles que moram nas margens ou nas ilhas do Rio São Francisco, que praticam a pesca artesanal e a agricultura de vazante, se

autoidentificam:

> Nós somos tudo isso, uma pessoa só, pode viver do extrativismo, ele é pescador, ele é vazanteiro, é caatingueiro [...]. Se eu sou vazanteiro, eu sou também quilombola, eu planto nas vazantes e me reconheço como os dois, porque eu sou remanescente quilombola, mas também sou pescador, também sou vazanteiro[5]. (Genival, 56 anos, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, 2019)

Através dos relatos de vazanteiros na pesquisa de campo, compreendemos que a categoria vazanteiro foi escolhida por agrupar todas essas outras e por ser uma maneira de se diferenciar pela forma de apropriação do território. Dentre as quatro comunidades da pesquisa, todas se identificam enquanto vazanteiras, e duas acionam também a identidade quilombola. Há um grande grau de parentesco entre as comunidades e o vínculo entre diferentes origens, como as dos nordestinos e de outras comunidades negras do Norte de Minas, integrantes do campo negro do Jahyba.

Essa diferenciação de identidades tem relação com os processos de mobilização política que cada comunidade empenhou. Mas é importante afirmar as características intrínsecas a elas, questões que se repetem, de comunidades tradicionais, negras e que realizam a agricultura de vazante e em terra firme, e desenvolveram uma cosmovisão com maneiras de habitar o território. Uma identidade fluida, que flui com o Rio São Francisco.

O movimentar é inerente ao modo de vida vazanteiro, o vazanteiro move-se sobre seu território, enquanto seu território também se movimenta, se modifica em cada estação. Oliveira (2005) fala sobre o "costume da andança" como característica vazanteira, uma mobilidade com o rio e seus territórios, movimentos necessários para cada período, já que a própria agricultura segue um calendário fluido com o rio, se confluindo com ele. Esse território maior, que inclui terra firme, ilhas, rio, lagoas, vazantes é um território móvel, remodelado a cada cheia (OLIVEIRA, 2005, p.17).

Seu Natalino (vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022) explica que o que os diferenciam enquanto vazanteiros tem relação com o rio e seus ambientes, os quais habitam. *"Temos aí três categorias na terra [...] são três linhas de terras"*: terra firme, lameiro e vazante. A terra firme são as terras no alto, onde realizam a agricultura de sequeiro, no solo firme, plantam roças de gêneros alimentícios durante o período chuvoso. O lameiro é uma faixa de terra próxima ao rio, que fica com o barro deixado depois da enchente. Já a vazante *"é uma parte de terra que o barro não vai [...] então ela vai até aqui. Aqui ela tem uma corrida, aqui ela já começa a parar. Aí que nós temos uma vazante, ela vaza, não fica nada lá. Ela traz tudo, não deixa substância nenhuma. Essa daqui lameiro, fica uma vitamina boa que a água traz"* (Seu Natalino, vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022). Assim dizendo, existe a agricultura de sequeiro, no seco, e a agricultura de vazante, nas águas, áreas de maior umidade.

Observando o sistema de trabalho vazanteiro, compreendemos que, além das perspectivas de *"tempo das chuvas/águas"* e *"tempo das secas"*, há uma simbiose com o ciclo natural do rio, que passa pela seca, enchente, cheia e vazante, quando começa a baixar e repetir o ciclo. Um *"círculo de movimentação"*, como disse Seu Natalino:

> Um círculo de movimentação que eu faço. O que eu planto no lameiro, o lameiro produziu aí. No período chuvoso, eu tiro do lameiro, levo eu aquele banco de sementes. Tem o banco de semente natural. Eu planto aqui [terra firme], entendeu? Ela aqui não deixa a outra lá perder lá. Tá perecendo, mas eu tô levando aqui já novamente pra lá. Mas de onde que veio? A que estava aqui? Vem de lá pra cá, a gente fica fazendo um manejo, né? Um círculo daqui pra lá e de lá pra cá, direto o tempo todinho. (Seu Natalino, vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022)

Vivem *"um círculo daqui pra lá e de lá pra cá"*, o que possibilita a esses sujeitos a disponibilidade de terras fertilizadas por matéria orgânica em diferentes tempos. Ou seja, vão circulando da terra firme para o lameiro, do lameiro para a vazante e de volta para terra firme e esse ciclo perpassa também outros ambientes e funções, como lagoas, o extrativismo, a criação de pequenos animais e outros.

O São Francisco é o *"rio grande"*, os braços menores são os *"rios pequenos"*, existem as ilhas ao longo do rio, e as lagoas que se formam após as cheias. A agricultura de vazante acontece nas margens do rio, lagoas e ilhas. A pesca é um importante elemento identitário. Cada comunidade vazanteira vai possuir especificidades em suas relações com esses ambientes; em algumas, como o Quilombo de Praia, realizam majoritariamente as plantações nas lagoas, assim como a pesca; outras ficaram confinadas nas ilhas, como Pau de Légua. Todavia, salientamos que essas relações foram sendo afetadas externamente, a partir das dinâmicas fundiárias impostas.

Os encantados estão migrando, buscando por refúgio. Esse relacionamento, harmonioso com o rio e seus ambientes, foi invadido por novos tempos. Em Oliveira (2005), temos o tempo do "enxame de gente", quando agregados foram expulsos das fazendas ou posseiros tiveram suas terras griladas e foram morar nas ilhas. Em Araújo (2009), denominado como "tempo dos coronéis". Nas palavras dos nossos interlocutores, foi a chegada do tempo do *"poder das balas e das cercas"*.

3 TEMPO DO "PODER DAS BALAS E DAS CERCAS"

O sistema vazanteiro sofreu interferências, os tempos mudaram, foram sendo *encurralados*, categoria nativa que representa o acercamento dos territórios por diferentes conflitos. Onde *"quem tinha poder de bala e coragem conseguia as terras"* (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do

Quilombo de Praia, Matias Cardoso), pois aqueles que possuíam o domínio da violência, possuíam também o acesso às terras na possibilidade de cercá-las ou documentá-las.

O primeiro momento desse processo de encurralamento se deu com a expropriação das terras tradicionalmente ocupadas por grandes fazendeiros, devido a grilagens de terras[6]; além de uma intensificação, a partir de 1960, durante os incentivos à modernização do campo, que representou estímulos e financiamentos a grandes empreendimentos agropecuários, sob o pretexto de desenvolvimento da região. Um grande exemplo foi a implementação do Projeto de Fruticultura Irrigada Jaíba, durante a Ditadura Militar. Maior projeto irrigado da América Latina, instalado entre os rios São Francisco e Verde Grande, nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso, que, devido à sua grande magnitude, influenciou as dinâmicas locais, ambientais e sociais.

Agravando ainda mais a situação, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, para viabilizar a sua ampliação, foi exigida uma contrapartida ambiental através da criação de Unidades de Proteção Integral (UPI). Assim, houve uma sobreposição aos territórios tradicionais vazanteiros. Hoje visualizamos, no entorno e sobrepostos aos seus territórios, grandes fazendas de gado, o perímetro de irrigação do Projeto Jaíba, terrenos marginais da União e Unidades de Conservação, como o Parque Estadual Verde Grande (1998), Parque Estadual Lagoa do Cajueiro (1998) e Parque Estadual da Mata Seca (2000). Os parques estaduais Verde Grande e Lagoa do Cajueiro ficam localizados em Matias Cardoso, afetando os territórios de Praia, Pau Preto e Lapinha, respectivamente. O Parque Estadual da Mata Seca fica no município de Manga, afetando o território da Comunidade Ilha de Pau de Légua.

Os processos de conflitos se tornaram diversos e densos, envolvendo expropriações territoriais, explorações do trabalho, fiscalizações injustas por órgãos ambientais, entre diferentes situações que perpetuaram racismos. Foram decorrentes do aval e das ações de instituições públicas, como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e seus incentivos para a modernização do campo; e a Fundação Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário (RURALMINAS) e o processo de regularização fundiária, que, dentre as ações, fez a concessão de terras consideradas devolutas, mas que eram espaços de uso comum ou solta de animais, para grandes empresas rurais.

Nesse sentido, essas instituições tiveram papel de braços institucionais, em âmbito federal e estadual, provocando a "concentração e a grilagem de terra nas mãos de grandes latifundiários da região, responsáveis diretos pela degradação ambiental das matas e rios, em consequência aos grandes projetos implementados" (ANAYA, 2012, p.79).

Essa realidade demonstra um modelo vigente, onde temos o comando e incentivo de agências multilaterais ou comunidades epistêmicas, como caracterizado por Gellert e Lynch (2003), que são forças poderosas de acumulação do capital, interesses estatais e ideologia modernizadora, apoiando a proliferação de megaprojetos. O fator econômico é de fato o central, homogeneizando tudo. Implementam um projeto de grandes proporções, que possui uma visão de natureza como mercadoria, onde as mitigações aparentam sempre possuir uma contrapartida monetária.

Modificaram um modo de vida como o vazanteiro, que tem uma simbiose com o Rio São Francisco, impedindo a reprodução plena da vida. E até mesmo a criação de Unidades de Conservação, realizada de forma hegemônica, acabou por preservar, não o meio ambiente, mas a ampliação do megaempreendimento, impondo uma ideia de vazio demográfico em áreas que só eram preservadas justamente porque existiam a vida e o manejo das comunidades tradicionais que ali já estavam.

Ficando confinados a pequenas porções de terras, esses vazanteiros convivem com excessivas tensões sobre seus territórios. As famílias foram crescendo e tiveram que buscar novas maneiras para resistir.

4 AS RESISTÊNCIAS EM MOVIMENTO DOS VAZANTEIROS

As dinâmicas que invadiram o modo de vida tradicional vazanteiro fizeram com que esses sujeitos precisassem ir para além das margens e ilhas. Diferentes comunidades se uniram para reivindicar suas identidades e demonstrar o quanto suas práticas contribuíam para a sustentabilidade ambiental. Dentro dessa união e luta política, temos a Articulação Vazanteiros em Movimento, que é um movimento social e político de articulação de comunidades vazanteiras, buscando o reconhecimento identitário, cultural e empenho das lutas territoriais.

As estratégias são diversas, tais como: protestos, intercâmbios entre comunidades, deslocamentos para debates políticos, denúncias de abuso de poder, da mortalidade de peixes, assoreamento das lagoas (entre diversos problemas ambientais resultantes dos conflitos impostos) e retomadas de territórios, já que há uma grande morosidade na Justiça quanto às titulações das terras tradicionalmente ocupadas.

Como exemplo, podemos citar alguns casos. Em 2011, a comunidade de Pau Preto fez a retomada de seu território com a ocupação da Fazenda Catelda. Em 2015, o Quilombo de Praia retoma parte da Fazenda Vila Bella, que tinha sido arrendada pelos Diários Associados de Minas Gerais a um fazendeiro, nomearam essa localidade de Acampamento Mãe Romana.

Em 2023, o Quilombo da Lapinha faz a segunda retomada de parte de suas terras, localizadas na fazenda Casa Grande, espaço que estava sob o domínio do Instituto Estadual de Florestas (IEF).

Anaya (2012) realizou um estudo específico sobre as mobilizações e reivindicações territoriais dos vazanteiros, que, no primeiro momento, se identificavam enquanto "encurralados pelos parques" e, posteriormente, se apresentaram à sociedade como "Vazanteiros em Movimento". Esse processo não indica que deixaram de ser encurralados, mas remete ao desenvolvimento de uma luta em que os grupos redefiniram maneiras de agir, de reivindicar e de se relacionar com o Estado.

> Praticando o jogo que se joga no campo ambiental. Ou seja, registra-se um primeiro tempo em que os sujeitos se dão conta da condição de atingidos, denunciando o encurralamento e outro momento de ação coletiva em que, acionando mecanismos próprios ao léxico e às formas de agir, correntes no campo ambiental, na interlocução com o Estado frente aos espaços instituídos pelo marco regulatório ambiental, começam a se identificar como "Vazanteiros em Movimento". (ANAYA, 2012, p.21-22)

Um modo de vida, que se estabeleceu em movimento, foi provocado a buscar as resistências também em movimento. Outra forma de resistir veio através de migrações internas para o trabalho, muito recorrentes nas comunidades. Os sujeitos se tornaram migrantes como resultado do encurralamento dos territórios, pois *"quando você fica encurralado, não tem espaço para o jovem, você não tem como segurar seus filhos dentro da comunidade"* (Zé Alagoano, Vazanteiro de Pau Preto). O fato de alguns migrarem influencia para que seja possível a permanência de outros, que ficaria inviável pelo tamanho do território disponível.

> E o caso do pessoal sair daqui e nós fomos migrando, foi porque as áreas das fazendas grandes foram crescendo, e cada pai aqui, a maioria tinha dez, doze, quinze filhos, outros vinte filhos. Então foi aumentando [a população] e nós ficamos com uma área muito pequena, muito restrita. E os filhos não tinham uma expectativa de crescer aqui. Os homens quando começavam a trabalhar iam para a cidade grande. (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

As migrações têm como destino, principalmente, as plantações e colheitas de café no Triângulo Mineiro; há também migração para Belo Horizonte e São Paulo, onde os homens passam a trabalhar majoritariamente na construção civil e empresas agrícolas, e as mulheres, em serviços domésticos, na área de cuidados. *"Quem tem um estudo mais elevado, consegue um emprego melhor, porque nem quem tá lá estudando consegue, mas sempre para o homem é ajudante de pedreiro e para a mulher é faxineira, são esses tipos de emprego"* (Regina, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Já são muitas gerações nessas condições, como afirma Gilberto:

> Hoje não tem terra pra todo mundo habitar aqui! Nós temos famílias em São Paulo, Belo Horizonte, tem em todo lugar tem gente daqui. Tem mais ou menos sessenta, setenta pessoas daqui que está fora, e tudo tem família lá, tem casa lá também, tá tudo alicerçado, mas, a vontade deles é tá aqui, mas realmente não dá, porque se eles forem viver aqui, eles passa necessidade. (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

As ligações entre as comunidades e os lugares de destino são complexas, formam redes, são circuitos onde circulam pessoas, coisas, comidas, sentidos. Buscando entender o que os sujeitos pensam sobre esses movimentos, percebemos que aparecem de forma fluida, sendo "famílias espalhadas" por muitos territórios, conectadas por tensos vínculos, onde existe uma administração coletiva de vários espaços (COMERFORD, 2014a e 2014b).

Migrar não é necessariamente uma ruptura com a situação anterior, pode ser uma estratégia familiar de continuidade, constitutiva da própria existência da família camponesa. Essa é a posição defendida por Woortmann (1990b) que, com base em trabalhos de campo realizados em Sergipe, analisa o significado da migração para o campesinato, enfatizando seu papel como prática de reprodução social e sua relação com a hierarquia familiar, pois, para ele, camponeses são produtores de alimentos e também de migrantes. "A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar de fato, pode ser condição de permanência camponesa" (WOORTMANN, 1990b, p.35).

Convivendo nas comunidades, tornou-se recorrente ouvir sobre as comidas que estavam sendo preparadas para enviar para os parentes que estão fora, pessoas circulando para apoiar familiares em momentos de doença, um de *"lá para cá"* constante. Dentre essas histórias, conhecemos,

no Quilombo de Praia, o casal Sulino e Rita, que, entre idas e vindas, morou muitos anos em Patrocínio - MG, onde trabalhavam em uma agroindústria de café, retornando para a comunidade em 2022.

Dona Rita conta que primeiro foi Sulino, que não conseguiu se adaptar e queria voltar, ela então foi a Patrocínio sem avisar, para convencê-lo e assim se estabeleceram por anos. Atualmente, em sociedade com o genro, passou a comercializar café em Matias Cardoso e região, produzido em Patrocínio e enviado por ônibus até chegar no município. De trabalhadores da lavoura, retornam como comerciantes de café. Ou seja, existem os espaços em que as pessoas circulam, mas também a circulação de coisas, em forma de presentes, ajuda e até comércio, onde o café, que antes era lidado na lavoura, se tornou fonte de renda com a comercialização no lugar de origem.

Ao falarem sobre as motivações da saída, são percebidos três grandes pontos: *"virar homem"*, *"sonhos"* e *"precisão"*. Essa decisão se liga ao momento de vida, faixa etária, estado civil, gênero e outros. No caso dos homens, durante a juventude e estando solteiros, indica os sonhos ligados a desejos de consumo, crescimento e a necessidade de *"virar homem"*, ou seja, do amadurecimento através do trabalho.

Na fase adulta e principalmente depois do casamento e filhos, a saída vem pela *"precisão"*, pela obrigação de suprir as necessidades básicas da família, como vestuário, alimentação etc.

A migração feminina, nesta pesquisa, se destaca predominantemente por motivos de *"precisão"*, uma vez que a maioria das saídas foi realizada por mães. Ainda assim, houve casos ligados aos sonhos. Uma observação importante a se fazer é que esses motivos para as saídas não se anulam, podendo coexistir. Dentro da ideia de *"precisão"*, temos um reflexo maior para a vida no Quilombo como um todo, principalmente em relação às estratégias adotadas diante do *"encurralamento"* do território e crescimento das famílias.

Sobre a maneira como conseguem os trabalhos, organizam-se em três formas principais: *"parente"*, *"vizinho"* ou *"apontador"*. Parente refere-se a qualquer familiar, seja de origem sanguínea ou por relacionamento comunitário, que, assim como a noção de vizinhança, envolve pessoas próximas que desempenham a função de indicação do trabalho e oferta de apoio, baseando-se na experiência que adquiriram primeiramente. Apontador designa a pessoa responsável por organizar trabalhadores para realizar um determinado serviço, assim como indivíduo de alguma empresa que arregimenta esses trabalhadores.

Os migrantes vivem um constante *"vai e vem"*, *"pra aqui, pra acolá"*, *"lá e cá"* entre gerações, que resulta na construção de sentidos e novos conhecimentos. As malas que usam no início das viagens carregam mais que

roupas – transportam expectativas, combinados, medos, ajudas e os modos de vida que aprenderam nas Comunidades

Para viver nos novos lugares, precisam se *"acostumar"*, adquirir saberes diferentes. A *"correria",* que no começo assusta, torna-se rotina; as ruas desconhecidas, que antes amedrontavam, passam a ser conhecidas. A sensação de timidez, desajustamento, medo e confusão, vai se transformando em confiança e conhecimento.

"Saber andar" e *"aprender andar sozinha(o)"* indicam a nova capacidade de circular no espaço desconhecido e de navegar através dos saberes, de como trabalhar, como se destacar, como ter *"oportunidades"*. Precisam entender o lugar e suas regras para que não sejam engolidos.

Compreendendo a importância dos movimentos para suas vidas, percebemos que falar sobre eles transforma essas narrativas em conhecimento, capaz de atravessar gerações, modificando e emaranhando os movimentos. É a experiência de um mundo em construção, um contínuo movimento e devir, "tecido a partir das inúmeras linhas vitais dos seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão enredados de maneira abrangente" (INGOLD, 2012, p. 211).

Pelas oportunidades, aqueles que permaneceram nas comunidades, se tornaram lideranças na luta por direitos, mesmo que a maioria já tenha migrado ao menos por um período. Os que ficam também se movimentam, movimentam-se na articulação das resistências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa, compreendemos que os vazanteiros estão em movimento, se articulam e se conectam de formas complexas. As mobilidades são parte do modo de vida vazanteiro, do sistema tradicional. Sempre foi um movimento livre e respeitoso com o rio, que moldava os ambientes, que ofertava os alimentos em forma de peixes e terras fertilizadas. Mas essa liberdade foi invadida, as formas de viver foram violadas, ao longo dos anos perderam áreas coletivas, de lagoas, de matas, de vivências, vendo os ambientes se deteriorarem, devido a grilagens de terras e outras formas de encurralamento.

Nos tempos de hoje os encantados migram, denunciando as grandes afetações que o rio e a natureza vêm sofrendo. Há uma urgência em rever o padrão de "desenvolvimento" e consumo que é perpetuado ao longo de muitos anos. As mudanças climáticas são mais um dos efeitos perceptíveis de como esse capitalismo predatório vem afligindo a existência de humanos e não humanos no planeta Terra. A relação respeitosa que conhecemos

com as territorialidades dos Povos e Comunidades Tradicionais deixam pistas valorosas e demonstram o quanto esses diferentes grupos étnicos contribuem para a sustentabilidade socioambiental.

Além das migrações dos seres encantados, as migrações das mulheres e homens vazanteiros se relacionam com as questões ambientais. O território tradicional foi invadido por grandes fazendas e megaempreendimentos, que cercaram terras, construíram barragens e diques ao longo do rio, alterando seu curso natural e impedindo que o modo de vida vazanteiro pudesse ser vivenciado como antes. Dessa forma, começaram a percorrer mais caminhos, se dirigindo especialmente para São Paulo, Belo Horizonte e Patrocínio, em busca de trabalho.

Entender os sentidos dessas mobilidades vai além de pensar nas ligações entre origem e destinos, mas nas construções que criam ao se movimentarem. Relatos antigos sobre as mobilidades para a *"cidade grande"* e relatos mais atuais comprovam a continuidade e atualização dessas práticas. Aparecem como uma estratégia, devido ao cercamento do território e ao crescimento das famílias, como uma necessidade de que alguns saiam para que outros permaneçam. Esses movimentos também surgem como costumes transmitidos por gerações e, além de responderem à *"precisão"* de prover a família, também representam amadurecimento – um rito de passagem para os jovens, que buscam independência e realização.

As tramas traçadas vão se cruzando e movimentando pessoas, coisas e sentidos. Em seus movimentos, construíram conhecimentos: partem com seus saberes tradicionais e, nos novos lugares, adquirem outros. Suas saídas e movimentos não retiram suas identidades enquanto vazanteiros e quilombolas. Eles permanecem ligados ao lugar, e isso é expresso de diferentes maneiras e em muitos relatos: quando lembram que aqueles que foram ainda são vazanteiros e quilombolas, independentemente de onde estejam ou com quem se casaram; ou quando reconhecem quem é de dentro, a partir dos costumes e vivências compartilhadas.

Dentre suas andanças, eles também estão no movimento da luta, revelando a importância e o desejo latente de conseguirem as titulações de seus territórios. Apesar dos desafios, os vazanteiros continuam buscando resistir. Movimentam-se em coletividade, tanto os que precisaram migrar para outros lugares, como os que ficam, se articulando em busca da regularização fundiária, da soberania das comunidades, do respeito ao modo de vida tradicional. Vivendo nas margens e ilhas e para além das margens e ilhas, os Quilombolas e Vazanteiros do Médio São Francisco se mobilizam nas lutas, sentidos, terras e águas crescentes.

NOTAS

[1] Dentre eles podemos citar: Dayrell (1998), Costa (1999), Oliveira (2005), D'Angelis Filho (2005), Brito (2006), Costa Filho (2009), Araújo (2009) e Nogueira (2009).

[2] Esses oito povos, atualmente, se organizam politicamente e são representados pela Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais, formada por volta de 2011, onde passaram a construir estratégias conjuntas de luta pelo reconhecimento social e cultural, direcionadas principalmente aos direitos e cuidado com os territórios onde vivem. Disponível em: https://museuvivodospovosmg.com.br . Acesso em: 10 de maio de 2024.

[3] Jahyba com Y, foi utilizada por Costa (1999), com base na sua tradução do tupi-guarani para diferenciar e representar as águas insalubres daquela época, propícias à malária.

[4]Informações disponíveis na biblioteca do IBGE. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br. Acesso em: 14 de junho de 2023.

[5] Trecho de entrevista de Genival, Quilombo de Praia, Matias Cardoso – MG, publicada em: Boletim Informativo: Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – Articulação Vazanteiros em Movimento (2019, p.3). Realização OPARÁ-MUTUM e NIISA.

[6] Grilagem é um termo para indicar a falsificação de documentos para conseguir a posse de terras. A história conta que sujeitos deixavam documentos falsificados em gavetas fechadas com grilos, para que os papeis ficassem com aspecto envelhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAYA, Felisa Cançado. **De encurralados pelos parques a vazanteiros em movimento: as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha no campo ambiental**. Tese Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: 2012.

ANAYA, Felisa Cansado.; OLIVEIRA, Cláudia Luz de; THÉ, Ana Paula Glinfskoi; DAYRELL, Carlos Alberto. Comunidades tradicionais vazanteiras do Médio São Francisco - MG. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS, Cristina (Org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. 1ed. São Paulo: SBPC, 2022, v. 16, p. 127-164.

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco:** sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos vazanteiros do Pau de Légua. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros-MG, 2009.

IBGE. [**Rio São Francisco:** Petrolina, PE**]**. [1970]. 1 cartão postal : p&b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes. Acesso em: 14 de junho de 2023.

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **Comunidade, território e complexo florestal industrial:** o caso de Vereda Funda. Norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado, 157 fls.) Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, 2006.

COMERFORD, John Cunha. Onde está a "comunidade"? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o "rural" e o "urbano". **Ruris** (Campinas), v. 8/2, p. 7-29, 2014a.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamentos de movimentações. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, Vol. 57, No. 2 , p. 107-142, 2014b.

COSTA FILHO, Aderval. **Os Gurutubanos:** territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro. 293 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

COSTA, João Batista Almeida. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo da penúria dos morenos:** a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos. 210 f, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília: Brasília. 1999.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes /SEMMA vol. 1, n.3, 2005. p. 8-47.

CUNHA, Manuela Carneiro da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS, Cristina (Org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. 1ed. São Paulo: SBPC, 2022, v. 16, p. 127-164.

D'ANGELIS FILHO, João Silveira. **Políticas locais para o des-envolvimento local no Norte de Minas:** uma análise das articulações local e supralocal. Dissertação (mestrado). Temuco, Chile: 2005.

DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e biodiversidade no Norte de Minas:** a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. 1998. 192f. Dissertação (Maestria en Agroecologia y Desarrollo Rural Sostenible) – Huelva: Universidad Internacional de Andalúcia, Sede Ibero Americana - La Rábida, 1998.

GELLERT, Paul; LYNCH, Barbara. Mega-projects as displacements. **International Social Science Journal**, 55(175), 15-25. 2003.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: RJ Vozes, 2015. (Coleção Antropologia)

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

MUSEU VIVO DOS POVOS TRADICIONAIS DE MINAS GERAIS. **MVPTMG**. Disponível em: https://museuvivodospovosmg.com.br/sobre-o-museu-vivo/. Acesso em**:** 10 de maio de 2014.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado). Brasília – DF: UNB, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco:** um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia e Antropologia. 2005.

PAULA, Ana Maria Noronha Ribeiro de; CRISÓSTOMO, Adinei Almeida; ANAYA, Felisa Cansado; et al. **Boletim Informativo 'Articulação Vazanteiros em Movimento'** - Projeto de Pesquisa: Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central. 2019. (Boletim Informativo).

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS** - movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais. Tese (doutorado) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

WOORTMANN, Klaas. "Com parente não se neguceia. O campesinato como ordem moral". **Anuário Antropológico**/87, Brasília, Ed. UNB, 1990a.

WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**. jan./jun. 1990b.

RESUMO

Este texto traz um recorte de tese de doutorado, que teve como objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos das mobilidades junto aos Vazanteiros e Quilombolas do Médio São Francisco. Foi realizada uma etnografia multissituada, através da estadia nas comunidades: Quilombo de Praia, Quilombo da Lapinha, Comunidade Vazanteira de Pau Preto (margem direita do Rio São Francisco, Matias Cardoso-MG) e Comunidade Vazanteira de Ilha de Pau de Légu a (margem esquerda do rio, Manga-MG). As mobilidades são parte do modo de vida e do sistema tradicional vazanteiro, um movimento que era livre e respeitoso com o Rio e seus encantados, que moldavam os ambientes e ofertava os alimentos em forma de peixes e terras fertilizadas. Mas essa liberdade foi interrompida, houve expropriação das terras tradicionalmente ocupadas, por parte de grandes fazendeiros e por megaempreendimentos agropecuários, financiados no contexto da modernização conservadora do campo. Como exemplo, a implementação do maior projeto de fruticultura irrigada da América Latina, o Jaíba, instalado entre os rios São Francisco e Verde Grande, nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso. Sua grande magnitude influenciou nas dinâmicas locais, agravando a situação ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, quando, para viabilizar a sua ampliação, foi exigida uma contrapartida ambiental através da criação de Unidades de Proteção Integral (UPI), que se sobrepuseram aos territórios tradicionais vazanteiros. Passaram a empenhar movimentos migratórios para as cidades e regiões metropolitanas de Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Patrocínio (MG), mobilidades que atravessam gerações, em famílias que, embora lutem pela manutenção do território, necessitam sair para a reprodução da vida. De diferentes maneiras, essas comunidades foram afetadas, revelando seus esforços mediante os desafios das mudanças climáticas impostas. Eles continuam em movimento, ressignificando as lutas, com novas maneiras de resistir.

Palavras-chave: Mobilidades; Resistências; Comunidades Tradicionais; Encantados; Vazanteiros.

ABSTRACT

This text presents an excerpt from a doctoral thesis, which aimed to understand the dynamics and meanings of mobility among the Vazanteiros and Quilombolas of the Médio São Francisco. A multi-sited ethnography was conducted through stays in the following communities: Quilombo de Praia; Quilombo da Lapinha; Vazanteira Community of Pau Preto (right bank of the São Francisco River, Matias Cardoso-MG); and Vazanteira Community of Ilha de Pau de Légua (left bank of the river, Manga-MG). Mobilities are part of the way of life and the traditional vazanteiro system, a movement that was free and respectful of the river and its enchanted creatures, which shaped the environments and provided food in the form of fish and fertilized land. But this freedom was interrupted, with the expropriation of traditionally occupied lands by large landowners and mega-agricultural enterprises, financed within the context of conservative modernization of the countryside. For example, the implementation of the largest irrigated fruit-growing project in Latin America, the Jaíba, located between the São Francisco and Verde Grande rivers, in the municipalities of Jaíba and Matias Cardoso. Due to its sheer magnitude, it influenced local dynamics, exacerbating the situation in the late 1990s and early 2000s. To make its expansion viable, environmental compensation was required through the creation of Integral Protection Units (UPIs), which overlapped with traditional territories. Migration to the cities and metropolitan regions of Belo Horizonte

(MG), São Paulo (SP), and Patrocínio (MG) began, a movement that spans generations, in families who, although fighting to maintain their territory, need to leave to reproduce. These communities have been affected in different ways, revealing their efforts in the face of the challenges imposed by climate change. Remain on the move, redefining their struggles with new ways of resisting.

Keywords: Mobilities; Resistance; Traditional Communities; Enchanted; Vazanteiros.